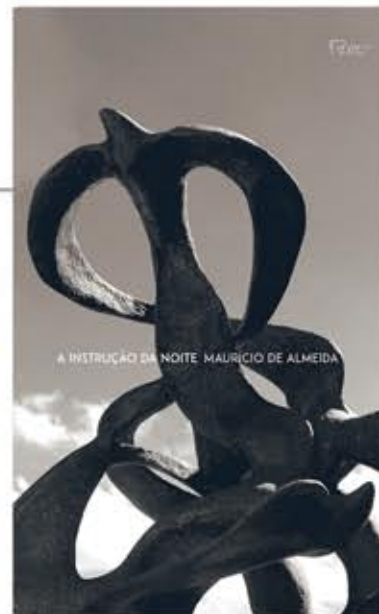


RESENHA

A INSTRUÇÃO DA NOITE ●
De Maurício de Almeida ●
Rocco ●
144 páginas ●
R\$ 19,50 ●



A tristeza necessária

A instrução da noite, segundo romance de Maurício de Almeida, aborda o vazio e as frustrações nas relações familiares e a busca por um sentido que nunca ocorre

Chega um dia em que percebemos que alguma coisa, ou todas as coisas, estão fora do lugar, violentamente fora do lugar

ANDRÉ DI BERNARDI

A Editora Rocco acaba de lançar *A instrução da noite*, do paulista Maurício de Almeida. O jovem escritor chega mostrando que tem muito a dizer, e traz a chancela de um prêmio importante. Com seu primeiro livro, *Beijando dentes*, de 2007, ele venceu o Prêmio Sesc de Literatura. Como diz José Castello, na orelha: "Maurício escreve com um único e inegociável compromisso: o de construir sua própria voz." E arremata: "Maurício de Almeida é não só um escritor talentoso, mas um escritor valente".

Delicadamente grotesco, o estilo de Maurício não esbarra em nada, mas encontra brechas para um adentrar-se em tudo. A alma humana é sempre perigosa. Os bons escritores escrevem sempre no fio de uma navalha. Eles se queimam, eles afundam e levam os leitores para esse abismo desregrado, irregular em todos os sentidos, devasso, libertino. Lírico. Poesia. Esta coisa áspera e pesada, mas leve, de levezas leves.

A história é simples. Depois de anos

desaparecido, um pai volta para casa, provocando, além de surpresas, uma avalanche de sentimentos contraditórios nos integrantes da família. Trata-se de um drama psicológico dos mais interessantes. Maurício, em capítulos curtos, que tiram o fôlego do peito, fala, entre metáforas feitas de sombras e luzes cambiantes, sobre os terrores que nos acompanham: perdas, traições, frustrações, abandono, traumas, e a solidão.

O narrador escreve para a irmã, Teresa, também desaparecida, com quem planejava, um dia, fugir de casa. A chuva continua, que atravessa a narrativa com uma umidade estranha, dá notícias de catástrofes iminentes. O personagem, assim, após o sumiço do pai, vê-se obrigado a ficar para cuidar de sua mãe, e se casa com Alice, enredando-se num relacionamento apático, sem maiores arroubos e desejos.

Certo tipo de literatura incomoda, atinge. Maurício fala sobre portas, que ganham outros significados, e chaves, que nada abrem, mesmo abrindo, chaves que também podem ser "mandíbulas desmontadas". O personagem encara um pé-

ripleo acerbo. Apesar dos laços, apesar das combinações, apesar das alianças e dos supostos ajustes, nada se resolve com nada, de jeito nenhum. Nem o álcool, nem a memória serve.

A vida é tantas vezes isto: ela chega "sem anúncios ou advertências para devastar em despropósitos e nenhum pedido de desculpas". É sempre a mesma rodagigante e o mesmo algodão-doce, são sempre os mesmos mágicos com os seus truques e traquitadas de abracadabras. O personagem, bêbado, saca, entre socos: a vida é um truque fajuto. A vida é um acúmulo de esperas e suspensões. Pode não parecer, mas a vida se transforma em um caos quando algo atrapalha a dinâmica mínima das coisas.

Mas a chave, aquele objeto estranho, pode servir para abriremos brechas. Num dado momento, quase no limite, o personagem se permite um aceno de asas: ele está só. "Definitivamente sozinho, mas não sem lutar." Em busca de sins. Tudo perdura em estragos e um aparato lento inclina o peso dos dias rumo a um breu repleto de estrelas – distantes, rumo a um so-

no sem sonhos bons. Maurício escreve um romance sobre o quanto o medo e a impotência podem destruir um homem.

Como já disse, as coisas, as pessoas, nossos melhores brinquedos, ao longo da vida, somem em abracadabras macabros. Chega um dia em que, na melhor das hipóteses, deixamos de cantar, apenas. Chega um dia em que percebemos que alguma coisa, ou todas as coisas, estão fora do lugar, violentamente fora do lugar. As coisas sem remissão e chances de retorno. A literatura: esse excesso de vida que atormenta o nosso descaso. Certas coisas só se resolvem diante de abismos.

Existem para o personagem diversos pássaros inúteis, "de asas que só fazem acentuar abandonos". Maurício encontra, na sua prosa dura, espaço, contudo, para um tanto bom de poesia, esse outro tipo de tapa. "O tempo é hiperbólico no abandono." A literatura pode também dirigir afrontas. Contudo, entretanto (relâmpagos, epifanias), muitas coisas brotam, muitas coisas esperam dentro do vazio dos dias. Maurício de Almeida é formado em antropologia e nasceu em Campinas, em 1982.